

## O patrão Joaquim Lopes



Morreu o patrão Joaquim Lopes... O facto, assim singelamente dito, exprime no entanto toda a tristeza que se levantou diante do cadaver d'esse homem rude, cuja longa vida é todo um sudario de heroicidades. Este velho em cuja homenagem tão significativas manifestações de respeito se fizeram, deixa gravada nos corações de centenas de pessoas uma saudade enorme. Essas pessoas são os filhos, os irmãos, os paes dos salvados pelo destemido marítimo que acaba de desaparecer. Dia a dia, annos decorrentes, augmentavam as glorias do humanitario patrão do *salva-vidas*, que, ao ver tomado pelas vagas um barco ou ao conhecer que a morte seria o epilogo de alguma tragedia do mar, se abalançava, affeito e confiante, a lutar uma victima, a salvar uma vida.

E, na singeleza d'aquella alma bem formada, um serviço d'estes jámais avultou como um feito de benemerencia, senão como um dever de caridade christã. E' que a rudeza não permitiu que o egoismo o contaminasse...

E agora que desce no tumulo, coberto das bênção da nação inteira, esse venerando benemerito,—curvemo-nos ante a grandeza da sua alma e ponhamos os olhos n'aquelle acto nobilissimo que ha pouco menos de um anno praticou. Outro não é senão a renuncia das condecorações inglezas, quando recebemos o vergonhoso *ultimatum*; acto nobilissimo e tanto mais quanto mais se attenta na idade avançada em que teve logar.

Honra á sua memoria!

## A expedição



O governo, enviando a Moçambique a expedição que se prepara, sobre caminhar c'oa expectativa publica, commette um acto de posse, que ha oitenta ou cem annos devera ter sido iniciado. Está pois a solicitude que elle parece querer mostrar nas coizas d'Africa, incluída na esfera d'aquellas commettidas que vale a pena exaltar sem restricções, tanto mais sendo ella, como se espera, um principio de nova vida colonial, que todos os gabinetes d'aqui por deante tratarão de desenvolver, n'um programma unisono, sob pena de serem cuspidos do poder como incapazes, e traidores.

Eu tambem, dentro da amarga lição que a politica dos ultimos quinze annos me tem dado, peço para abrir um parenthesis de jubilo, não para exaltar a satisfação que os inglezes nos deram, fazendo recuar os filibusteiros da companhia, dos territorios de Manica—que isso era d'esperar fosse ordenado, sem o facto querer significar menos cupidez na politica africanista de lord Salisbury—não para pedir repouso aos alertas da opinião publica, de resto costumada a aferir a lealdade ingleza pelos latrocínios semanaes com que a Inglaterra vae pilhando em Africa, os nossos bens—mas para dizer quanto está sendo correcto o governo na maneira de decretar a expedição, e quanto é nobre o exercito, respondendo de humor alegre e espirito entusiasta, aos sacrificios que a patria lhe pediu.

Inda bem que na plena *degringolade* de palanfrorio em que parecia ir afundar-se a effervescencia patriótica de Janeiro, alguma coisa irrompe de positivo e de certo. A guerra de tropos, nas salas dos clubs impando patriotismo, começava a ter um ar de desforço por demasia infantil em povo espesinhado, e resvalaria ao grotesco, sem este complemento de factos com que o exercito a remata, tão expontanea como simplesmente. Todos conhecem a maneira por que se ordenou a expedição. O governo, depois de consultar os entendidos no assumpto, ordenou a partida quasi immediata, d'uns certos contingentes, salvando, com este acto d'energia, a expedição, do desastre em que ella sossobraría de certo, deixando a cada militar, como na da Zambezia, a escolha de partir ou ficar, conforme lhe aprouvesse.

E a esta ordem formal, nem uma voz discordante a pedir substituição ou misericórdia, mesmo em voz boixa! De todos os lados, um entusiasmo igual e cheio de magníficos fervores. Na parada d'infanteria, dizem os jornaes, apenas foi lida a ordem, mandado partir o corpo, officiaes e soldados romperam em applausos. Em artilheria e engenharia, ofertas expontaneas de braços, propostas de substituição, luctas de generosidade enfim, cujo nobilissimo impulso consolá d'outros males, e faz ter esperanza do futuro, e dizer afinal que nem tudo está perdido.



Querem estas coi-as dizer que a Africa principia a ser de novo o sonho colonial d'um paiz que toda a vida foi colonizador; que a Africa principia a ser o campo de parada entresenhado para a desinvolução d'alguma empresa grandiosa, como o foram o Brazil e o imperio da India, e que findou o tempo da indifferença, visto como todas as classes acordam ao estrepito do mesmo grito, sendo esse grito a expressão d'um unisono de vontade, que basta conduzir intelligentemente em Africa, para vêr desentranhar em resultados surprehentes. Pois que a paixão das colonias se acende entre nós, lance o governo as bases geraes do futuro imperio portuguez nas duas costas.

Envie a expedição a Manica, não como um simples estardalhaço avulso, destinado a lisongear a vaidade publica d'um instante, mas como um nucleo d'exercito permanente, que guarneça a fronteira e os pontos estrategicos da costa, que institua postos d'occupação junto dos regulos poderosos, *postos a serio*, que deem força aos residentes, e assentem a obediencia dos negros, n'uma persuasão de força solida e tranquilla. E quando a occupação militar bem estabelecida—tendo por guia o branco e por massa combatente o proprio indigena—varrer esses territorios das invasões dos potentados turbulentos, das pilhagens dos bandos nomadas e dos filibusteiros insolentes, tracte o governo então de colonisar a sério esses paizes virgens, substituindo-se ao engajador brasileiro quanto possivel, estabelecendo o regimen das terras, fixando os pontos onde no futuro devam assentar povoações, auxiliando a fundação de companhias colonisantes, e fazendo dos logares civis e militares do ultramar, não coios de pulhas e de preguiçosos, mas cargos de prova, para a *élite* do seu pessoal administrativo. Ainda ha pouco, quando as canhoneiras inglezes forçaram o Zambeze, o funcionario portuguez que appareceu a *impedir o acto*, era um sargento hidropico e roto, que mal sabia escrever, e que para lavar o seu protesto contra as demonstrações da Inglaterra nas aguas portuguezas, teve d'ir, sem botas, pedir papel e penna ao commandante d'uma das canhoneiras aggressoras. E, refere o *Dally News*, foi em papel inglez, timbrado ao alto com as armas da rainha, que o miseravel aleijão que representava á beira do Zambeze, a força e a lei de Portugal, escreveu, n'um portuguez de gallego, e com uma lettra de sopeira, o documento reivindicador do nosso direito historico, violado!...



Somos naturalmente um povo colonizador, dissémos, e quatro seculos d'emigração fecunda, que deu talvez ao novo mundo, dois decimos da sua actual população, são prova cabal da maravilhosa aptidão colonizante da raça portugueza.

Porém as condições da vida mudaram hoje muito, e começa a ser tempo de não partir assim, *à la bonne aventure*, por esse mundo extranho, em caça da fortuna que o paiz natal não póde dar-nos. Diz um proverbio: antes que cases, olha o que fazes. Precisamente a moral d'este proverbio convem, mais que a de nenhum outro, ao emigrante. E' necessario que elle, antes de dar a sua mão de noivo á terra desconhecida, conheça as qualidades e os vícios d'ella, e peze bem as receptividades e energias da sua propria alma, a vér se do hymneu poderá auferir felicidade. No comenos em que o governo occupa militarmente os territorios d'Africa oriental, e vae pensando no problema de colonisala efficazmente, duas coisas lhe cumprem.

Como sejam:—fazer colonos pelos processos mais modernos:—e explicar ao publico o paiz que intenta povoar.

Para fazer colonos, é necessario não sómente introduzir na educação geral, a porção de sciencia que habilita todo o portuguez a vér claro, no papel historico e commercial das nossas possessões, como também lançar os alicerces da escola exotica em que exclusivamente se professe sciencia colonial, tão copiosa hoje, e interessante, e d'onde saiam, como direi regentes de colonisação, assim como sahem do instituto agrícola, os regentes de granja, e os conductores d'exploração fructuaria ou cerearífera. Para explicar a Africa, é necessario iniciar uma literatura exclusivamente africana, que junte o detalhe pictoresco a informação scientifica, e traça na frente, em vez de nomes d'exploradores conhecidos pela inventiva *balliz* das suas mentirollas, a chancellia d'outros trabalhadores mais probos, e a lenda poetica d'outros heroes menos sabidos. Abra o governo as portas da imprensa a todos os relatorios e communicações que lhe sejam enviadas acerca das colonias, force a Academia Real das Sciencias a editar todos os manuscritos e velhos livros que disserem respeito á nossa epop. a ul tamarino de quatro seculos, espalhe essas publicações gratuitamente nas escolas, ou venda-as a preços minimos, em edições de povo: ponha a concurso livros de hygiene, de flora, de fauna, viagens e costumes africanos, e conseguirá assim volumar a corrente de sympathia publica, direito ao problema de que mais depende, no futuro, a autonomia de Portugal.

ISKAN

### NO MUNDO INTEIRO

Corri de lés a lés o antigo e o novo mundo,  
A morena afaguei do almo sol nas regiões,  
Entre gelos á loura dei amor profundo:  
As beldades cheiravam do Congo aos sabões.

Um turista ao Saboeiro Victor Valssier, Paris.

## Onde está elle?

Consta que o sr. Barjona de Freitas está em Lisboa. Onde para o inclito varão?

Não se sabe. Do *Ciata que farás ao Talla Só*, temos corrido ha dias a vér se foliamos com o grande diplomata, que negociou o tratado de 20 d'agosto em que trava á patria amada o peso de Moçambique.

Mas, baldado intento, é impossivel encontrar semelhante homem.

Não será facil duvidar do que elle está em Lisboa, por isso que os jornaes assim o affirmam. Mas verdade seja, que, se elle cá está, não se deu pela sua chegada.

Lembramos-nos todos de que o sr. Hintze Ribeiro, o sr. João Franco e os seus amigos levantaram ás nuvens os merecimentos do chefe da *esquerda*, que Deus haja. De forma que, no momento da chegada, esperavamos que os jornaes que tanto elogiaram o astuto diplomata fallassem da desgraça nacional e o apontassem como salvador. E mais ainda! Era natural que lhe preparassem uma recepção, pelo menos de... familia.

Mas qual recepção, nem meia recepção! Tivesse-a, tu, leitor! Assim elle a teve.

Ora é estranho este caso. Porque ou o sr. Barjona andou bem, ou mal. D'aqui não ha fugir, é a chamada logica de cão. Adiante! Se andou bem, era tr esperal-o, abraçal-o e dizer-lhe Hintze ou João Franco!

—V. Ex.<sup>a</sup>, conselheiro amigo, é como nós, victima do facciosismo politico e da exultação patriótica. O tempo far-lhe-ha, como a nós, justicia plena.

E se por acaso andasse mal nas suas negociações, devia ainda ter uma recepção, feita pelo povo. Este grave personagem, que todos conhecemos pelo seu ar conselheiro-accacio, teria occasião de lhe dar uma descomponenda e de lhe mostrar que não se caçoa com a tropa, impunemente.

Mas nem uma, nem outra cousa. Se elle está em Lisboa, os seus amigos politicos devem ter recebido instrucções e estão naturalmente preparando-se para a lucta nas camaras. Vão mostrar que o chefe da *esquerda*, o orador, o juriscunsulto, o diplomata, o cavaqueador, enfim o homem dos sete instrumentos ainda vive, e está disposto a dar uma lição aos que o menoscubaram. Fazem n'isso muito bem. O que nos afflige é não saber onde elle para. Queríamos estár com elle, perguntar-lhe pela saúde, se as aguas de Contréville são boas, se Salisbury é pnyavel, se o sr. Soveral está á altura da gravidade das circumstancias, e miloutras pequeninas coisas, muito importantes, como esta, para a resolução do conflicto anglo-luso.

Infelizes, porém, de nós, que já moemos as pernas e demos cabo das botas e nada conseguimos!

Barjona tornou-se um mysterio, indecifavel, espantosamente incompreheusivel.

E, agora, cansados, derreados, não damos um passo senão na segunda feira, á noite. Ha baile em casa do ministro inglez, e, tó que nos dizem, o conselheiro vae lá.

Não saltaremos. Queremos, á viva força, ver-lhe o rosto e, mais do que tudo, a casaca. Oh! a casaca! Imaginem que é de Londres...

EUPHEN.

# BANQUETE OFFERECIDO A MARIANO DE CARVALHO PELOS SEUS AMIGOS



BRINDES

ENTRADA DO SALÃO

SALÃO DA TRINDADE

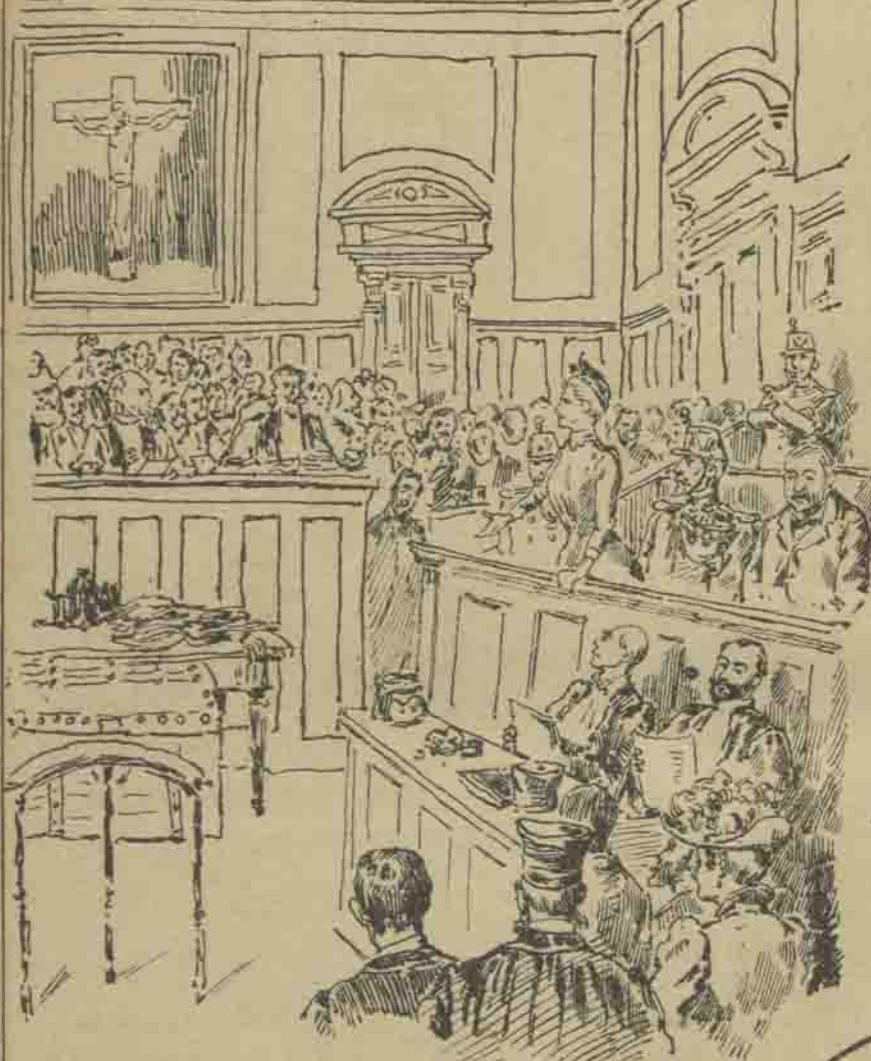
FUNDO DO SALÃO - PRESIDENCIA

STORES JAPONÊSES

O jantar oferecido ao sr. Mariano de Carvalho é mais uma manifestação do apreço e da admiração em que é tido o seu talento. Não podíamos deixar de nos associarmos a essa festa, nós que temos pelo illustre estadista a maior consideração e o maior respeito. Para nós, o sr. Mariano de Carvalho é um dos mais genuínos representantes do trabalho triunphante. Por isso aqui deixamos uma recordação do que foi essa festa, e agradecemos as provas de deferencia e amizade de que fomos alvo.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

# EYRAUD—BOMPARD



MELLE  
BIEMLER  
A FRANCEZA  
QUE  
DESCOBRIO  
EYRAUD  
NA  
HAVANA



HOULLIER  
UM DOS POLICIAS QUE  
PERSEGUIU  
EYRAUD  
NA  
AMERICA



O celebre crime, de cujos personagens hoje damos os retratos, é por demais conhecido para que nos espraemos em contar o pormenores em que teve lugar. Os jornaes teem acompanhado o processo por forma a dispensar-nos de aqui o narrar. Somente diremos que Eyraud foi condemnado á morte e Gabrielle Bompard a 20 annos de prisão.

Não discutamos as penas applicadas, lamentemos apenas que ao findar o seculo 19, ainda pese sobre a dignidade humana a vergonha de consentir que para a punição de um crime se commetta um outro, com a aggravante de premeditação, e todas as circumstancias que passam tornar horribilissimo um crime.

Lamentemos o facto e registremol-o para vergonha da nossa civilisação.

# O CRIME GOUFFÉ



O CRIME



EM MILLERY, PERTO DE LYON.

## A OCCUPAÇÃO DE MANICA



Um come, o outro evacua

M. J. B. B. B.

# SEXTO VOLUME



PRIMUM  
PRAS PROFUNDAS  
DO INFERNO



# WIM

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO